

05/07/2019

Racismo como importante limite na organização dos trabalhadores

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Os ideólogos da burguesia, porta-vozes do neoliberalismo e do pensamento único, costumam argumentar que não existe discriminação racial vigorando por esses trópicos, apesar do triste e longo histórico de escravidão, ainda há a falácia de um perfeito convívio entre seus habitantes independentemente da cor da pele, sexo ou etnia. Infelizmente não é bem assim. A História do Brasil mostra que a população pobre negra, maioria do nosso povo, é fortemente discriminada na sociedade e, em especial, no mercado de trabalho, ganhando menos, trabalhando mais e, em condições mais precárias. São as maiores vítimas do desemprego, da miséria, dos homicídios, carece de saúde e educação - as consequências desta calamidade social -. É que mesmo com o falso fim da escravidão os donos do poder criaram leis que impediam os negros recém-libertos de possuírem terras, fazendo com que negros livres permanecessem escravos de um sistema econômico injusto, afastando-os do processo de participação nos setores mais dinâmicos da economia, usando como desculpa para suas atrocidades a tal meritocracia, enquanto se aplica despididamente a desigualdade de oportunidades.

A história do movimento sindical brasileiro não analisa com o devido aprofundamento a herança que nos foi deixada pela luta do trabalhador negro-escravo através de: participação em irmandades, rebeliões, movimento abolicionista.

As formações de quilombos constituem as primeiras organizações sociais criadas para enfrentar a tirania dos senhores e as condições degradantes do trabalho escravo, incluindo a saúde nos vários ciclos econômicos. Acredito ser esta forma de organização o embrião dos sindicatos. Malungo *irmão*, companheiro, era o tratamento entre os escravos. O discurso de que os negros se submeteram passivamente à escravidão é falso.

Este grave erro se repetiu também na formação da classe operária brasileira e a conseqüente geração das riquezas na economia agrícola e industrial predominante no Brasil.

Essa ausência leva-nos à reafirmação da história única marcada pela superioridade cultural e racial dos imigrantes europeus que se avolumaram no sudeste e sul no fim da escravidão. Retira-nos o conhecimento de uma sociedade cuja diversidade racial era imensa reduzindo-a à branquitude e à mestiçagem, estando a primeira nos melhores ofícios e posições e a segunda nos limites da pobreza e da sujeição. Impede-nos, ainda, a compreensão dos males provocados pelo racismo para a sobrevivência e ascensão socioeconômica da população negra até os dias atuais. Para o desenvolvimento do trabalho assalariado em nosso país foram trazidos mais de quatro milhões de imigrantes europeus entre 1871 e 1920.

Num período de meio século entrou no país um número de estrangeiros equivalente ao de negros retirados à força da mãe África em mais de trezentos anos para serem escravizados.

A estrutura excludente e de marginalização da população negra estava instituída. No interior das organizações do movimento operário é constante a reprodução de atitudes e discursos racistas sem que eles sejam percebidos como tal.

O racismo é praticado por inúmeros militantes e dirigentes que o condenam. Combater o racismo não pode ser compreendido simplesmente como reconhecer a sua existência e sim se posicionando contra ele. A luta antirracista exige dos sindicalistas a construção de uma cultura política que permita aos companheiros negros e negras as mesmas oportunidades de participação nas instâncias de decisão das organizações sindicais, levando em consideração as condições objetivas que permeiam a vida dos negros e negras em prol dos quadros brancos. É de fundamental importância que as diretorias dos sindicatos em suas frentes de atuação, assim vistas como seus instrumentos de luta, insiram na sua política de formação a questão racial. Assim, derrubaremos barreiras que implicam nas práticas racistas efetuadas no dia a dia dos sindicatos.

Um significativo passo na busca pelo nosso aperfeiçoamento organizativo é o reconhecimento pelos companheiros brancos dos privilégios que a sociedade lhes reserva e que são mantidos mesmo nos espaços organizados dos trabalhadores e trabalhadoras. A categoria metalúrgica é representada pelo Sindimetal RJ, sindicato com um centenário de existência que já contou com mais 200 mil trabalhadores em sua base, formada majoritariamente por negros e negras.

Por conta disso, diversos negros o presidiram numa direção composta em sua maioria por candidatos negros. No entanto, por falta de conhecimento, ou até mesmo por não se assumirem como negros, a questão do racismo, muito presente em nosso meio, nunca foi o foco em nossas discussões nas montagens de pauta de acordos e nos debates no sindicato.

Sabemos que nas empresas o racismo e a discriminação são fenômenos concretos e usados principalmente pelo empresariado para aumentar a taxa de exploração aumentando seus lucros. Existe uma agenda de ações afirmativas para serem implementadas que é uma conquista do movimento negro organizado e demais entidades que lutam em defesa dos direitos dos trabalhadores, dentre esses direitos o da saúde que os dirigentes sindicais precisam assumir a luta pela implantação. Recusar a marginalização racial é desafio para todos, o que demanda a abertura de um processo contínuo de negociação, em que diferentes atores estejam presentes em torno de objetivos da equidade, do acesso à justiça e do fim do racismo. Para a realidade brasileira e para o sucesso da luta do movimento operário contra o racismo se faz essencial que os militantes e os dirigentes sindicais possam traduzir em companheirismo a confiança política que é elemento fundamental para o empoderamento e melhoria da capacidade dirigente dos companheiros que sentem na pele os efeitos nocivos de todo o preconceito produzido e propagado contra os negros e negras em mais de 500 anos de história.

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.